

Editorial

GASTOS
INÚTEIS

O mau uso de veículos oficiais é uma prática frequente na administração pública brasileira. Não é de hoje que ele é denunciado pelo cidadão e pela mídia, sem que os administradores públicos tenham encontrado, até agora, uma forma de coibi-lo ou, pelo menos, administrá-lo.

O TEMPO de ontem fez um levantamento completo de como as coisas funcionam nos Executivos e Legislativos do Estado e do município de Belo Horizonte. Ao mesmo tempo, o programa "Fantástico", da Rede Globo, no domingo, mostrou os abusos praticados em todo o país.

Se o Brasil fosse um país sério, esse tipo de privilégio gozado pelos chamados "dirigentes máximos" seria abolido. Outros países, como Holanda e Suécia, praticamente o extinguiram. Se o político não quiser usar o seu veículo particular, que use o transporte público.

Aqui, país emergente, recém-saído do Terceiro Mundo, o Estado gasta quase R\$ 900 mil por mês com a manutenção de uma frota de 234 veículos para servir esses "dirigentes máximos" em Minas e Belo Horizonte. O gasto anual daria para construir mil casas populares.

Não foram computados os custos com os membros do Poder Judiciário, tampouco os feitos por deputados e vereadores, que recebem mensalmente uma chamada "verba indenizatória", destinada a fazer face a esses custeios e outros, ao bel-prazer do beneficiado.

Não obstante o custo, bancado pelo contribuinte, esse serviço é responsável por muitos outros abusos, praticados contra os cidadãos. Protegidos pelas "chapas pretas", esses veículos têm estacionamento privativo, violam as leis de trânsito e são usados para fins particulares.

As autoridades alegam dificuldades na fiscalização do uso dos veículos oficiais. Na verdade, ela não existe. A única medida que daria um resultado efetivo seria a suspensão do serviço, como fez, em parte, o Executivo estadual, em agosto último, para reduzir o custeio.

Os recursos públicos se esvaem não só nos estádios padrão Fifa, mas também em despesas inúteis e invisíveis como essas.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlon Aredes
Política: Carla Kreeft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

A ORDEM DAS PALAVRAS ALTERA O SENTIDO

Duke

FILHO MAMANDO NA MÃE



FILHO DA MÃE MAMANDO



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Por que desejam encabrestar e
levar um ministro para o brete?

Precisa totalitarismo maior? É a antítese da democracia

Porque o que está no palco do Supremo Tribunal Federal (STF) é uma luta ideológica, com todas as tinturas de ódio, cuja lição maior é que, para setores populares e democráticos, ganhar eleições não é o mesmo que assumir o poder. Não admitir embargos infringentes tem um significado profundo, qual seja: qualquer pessoa corre riscos de ser condenada, até injustamente, e não poder se queixar nem ao bispo! Precisa totalitarismo maior? E totalitarismo é a antítese da democracia. Eis o fio da meada!

Catimbaram: não permitiram que o ministro Celso de Mello votasse, quando solicitou. No futebol, catimba é "forjar faltas; querer botar pressão; e atrapalhar o adversário praticando antijogo". Desde então tentam, descaradamente, encabrestar um ministro do STF que já emitiu "N" vezes a sua opinião sobre o tema. A ordem do dia é encurrular o ministro no brete, como um animal!

Na quarta-feira passada, no estacionamento da Faculdade de Medicina, fui interpelada por um funcionário: "Doutora, diga aí o que acha dos embargos infringentes? São para inocentar os mensaleiros?". Quase respondi de chofre, mas a bendita terceira idade, aquela depositária de mil e uma sabedorias, até a de dizer que não sabemos tudo, dá tenência. Balbuciei: "E você, o que acha?". Ter paciência para ouvir e sentir o clima é uma sabedoria daquelas mil e umas.

"Tá difícil entender o noticiário. Sou contra corrupção, de qualquer tamanho. Tem de ter corretivo, que só deve ser aplicado se provado o rombo. Sem

prova, o réu é inocente. Se têm tanta certeza de que o réu é culpado, por que temem os embargos infringentes? Aí tem tretal!".

Enquanto ele falava, repassei mentalmente algo que li, que transcrevo: "Os embargos infringentes podem ser conceituados como o recurso processual cabível das decisões não unânimes proferidas em sede de apelação ou ação rescisória, facultando-se, em face da diversidade de interpretações sobre a matéria, que esta seja novamente reexaminada pela instância superior (...). A palavra 'infringentes' significa aquilo que infrin-

Não admitir embargos tem um significado: qualquer pessoa pode ser condenada, até injustamente, e não poder se queixar nem ao bispo!

ge, viola, desrespeita in casu a lei".

E prosseguiu: é leitor-colecionador de minhas colunas semanais em O TEMPO; e releu todas desde 2003 para lembrar o que já escrevi sobre Zé Dirceu. Espantada: "E aí? Qual a sua conclusão?". Sintetizando: "A senhora fez muitas críticas a ele, quando ministro de Lula. Deu pra sentir que não gostava dele". Cá com meus botões: "a maldição de Ibiúna, o fiasco do estrategista inocente". Retruquei: "Leu aquela na qual digo que era bonito?". Rimos.

Ele sacou um recorte de jornal: "E também que era mandarim da República!". Peguei o recorte e está lá: "Começando pelo fim do que disse Dora Kra-

mer, 'E Dirceu, como se sabe, não perdoa: age'. Eu me deliciava com as madeixas de Zé Dirceu ao vento... Era belo e maravilhoso! As fotos dele com o microfone em punho (e as madeixas ao vento), mais belo só Che Guevara. As ideias, assim como hoje, eram controversas... Hoje é um mandarim da República. Não se pode dizer que não levava jeito. Sempre levou. Não sei por que reclamam tanto! Estava escrito nas estrelas" ("Vou de boato, tendo a vergonha como burca". O TEMPO, 17.9.2003).

Ao devolver a crônica ao meu interlocutor, ele encerrou a conversa: "Não permitir embargos infringentes é paulada na cabeça de todo cidadão; querem nos roubar o direito de ampla defesa!". Finalizei: "Nada a ver com Zé Dirceu, e independentemente dele, como cidadã leiga em direito, a minha percepção é que embargos infringentes ampliam a democracia e o direito de defesa".

DUKE

